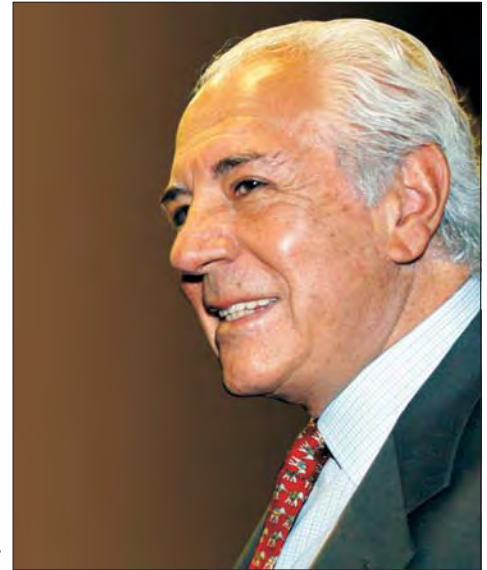


# Em face de novas batalhas

*Roberto Duailibi*

.....



**N**o passado, estado e comunidade eram sinônimos. O tempo passou a separar, paulatinamente, as duas entidades. Ao se tornarem mais abrangentes, os Estados começaram a agir como instituições supracomunitárias. Com essa elevação acima do cotidiano, na presunção de que negocia coisas mais graves e mais importantes, o Estado deixou de ser a *comunidade* de todas as famílias, como era em sua origem, abandonando a solidariedade organizada, de que devia ser instrumento.

O Estado – que tratava com benevolência os marginalizados, com o circo e o pão – se identificava acima das coisas vulgares, na máxima conhecida: *de minimus ne curat praetor*, o juiz não cuida de coisas menores.

Durante o processo de civilização ocidental, as comunidades sempre procuraram atuar, a fim de suprir essa ausência do Estado. Em certo momento, conduzidas pelas igrejas, elas chegaram a exercer um poder moderador sobre o poder temporal, mas acabaram sendo domadas e dominadas pelos interesses imperiais.

Em nossos dias, essas organizações comunitárias se tornaram mais ativas, por serem mais necessárias, em movimentos que podem ser identificados como o de uma recriação das instituições políticas alicerçadas na solidariedade, ou seja, em uma refundação do Estado, a

partir de suas próprias bases. Isso é ainda mais evidente quando os partidos políticos tiveram as suas bandeiras ideológicas esmaecidas, e a política perde as suas referências morais de fraternidade, para se tornar uma *técnica de governar*.

Não estamos tratando particularmente do Brasil. O fenômeno é universal, uma vez que o modelo de civilização é o mesmo em Tóquio como em Santiago, no Rio de Janeiro como em Jacarta, em Kiev como em Boston. Sobre isso há excelente artigo de Dan Hurley, publicado pelo jornal *New York Times* de 27 de fevereiro passado. Hurley mostra como as comunidades pobres dos Estados Unidos (ele fala particularmente daquelas de Boston) se organizam, a fim de se defender da hostilidade do meio. Problemas como os das drogas, da criminalidade juvenil, da educação e da saúde são discutidos e enfrentados pelas famílias unidas. Se não podem ser imediatamente resolvidos, são postos sob controle, e eliminados pouco a pouco.

O artigo concentra sua atenção ao trabalho desenvolvido pelo Dr. Felton Earls. O Dr. Earls parte do princípio de que as comunidades devem tomar conhecimento de si mesmas e partir para a solidariedade entre os vizinhos, sobretudo a solidariedade com os filhos dos vizinhos. É um conceito que já havia sido observa-

do na sociedade japonesa, em que a criança é filha de todos. A posição ideológica do Dr. Earls é exatamente contrária à famosa teoria da “tolerância zero” ou da “vidraça quebrada”. Enquanto essa teoria parte da repressão radical, que recomenda a imediata ação policial diante de qualquer suspeita, Earls defende o que chama “eficácia comunitária”. A comunidade se organiza para cuidar dos jovens, como se todas as crianças fossem filhos de todos os adultos. Isso compreende a educação elementar e colegial, o cuidado com a saúde, o combate não violento e persuasivo contra o consumo e o tráfico de drogas, e a colaboração com as autoridades. Graças a essa ação comunitária, o número de homicídios por ano, em Boston, quase todos eles nas zonas socialmente deprimidas, caiu de 151 em 1991 para 35, no último ano. Isso ocorreu depois do esforço de ministros evangélicos que percorreram as zonas pobres da cidade, recrutando jovens para atividades esportivas e sociais fora dos horários escolares. Segundo o Dr. Felton Earls, a criminalidade não se deve somente a distúrbios individuais, mas, sim, à “pobreza concentrada” e à falta de ação eficaz das próprias comunidades. Elas devem ser estimuladas a tomar conta de si mesmas, ou, de modo mais simples, a fazer política que, segundo Aristóteles, é o exercício da amizade entre vizinhos. E esse estímulo, dever da sociedade



Ilustração: Robson de Oliveira

como um todo, tem sido proporcionado pelas igrejas e pelas associações leigas de voluntários.

No Brasil temos alguns exemplos. A comunidade da Mangueira conseguiu reduzir em muito os índices de criminalidade, como efeito da ação comunitária. Na Rocinha estava ocorrendo a mesma coisa. O fenômeno das Padarias Comunitárias, já mais de 3 mil no Estado de São Paulo, é outro exemplo de comunidades que se organizam primeiro para se alimentar e depois para gerar renda própria e progredir. Para essa auto-organização também contribui a tecnologia moderna, com os telefones celulares e à disposição de um número telefônico próprio para acolher as informações sobre suspeitas de crimes, o *Disque Denúncia*.

Dos casos de seqüestros solucionados em São Paulo, muitos foram resolvidos graças a denúncias anônimas por esse número telefônico. Os aparelhos celulares têm sido, nessas comunidades pobres, eficiente sistema de comunicação quando há situações delituosas. Agindo assim, as comunidades acabam expulsando os delinquentes de seu meio. Mas as causas profundas só serão eliminadas quando a solidariedade se der em toda a comunidade nacional, com o desenvolvimento econômico, a criação de empregos e o fortalecimento do Estado democrático. Assim, em lugar da concentração da pobreza, teremos a distribuição mais justa da riqueza.

**Dr. Roberto Duailibi** – Natural da Cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, o Dr. Roberto Duailibi é o atual Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Cultural Exército Brasileiro. Empresário bem-sucedido na área de Propaganda e Marketing, é diretor-sócio de uma das empresas que mais se destacam no Brasil, a DPZ-Duailibi, Petit, Zaragoza Propaganda Ltda.

O Dr. Duailibi faz parte do Conselho da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), a maior escola do gênero do hemisfério, onde lecionou Redação por seis anos, além de ter sido diretor de cursos.

Foi duas vezes Presidente da Associação Brasileira de Agências de Propaganda (ABAP) e é considerado “Líder Empresarial” por seus colegas de profissão. Por vários anos seguidos, recebeu o prêmio concedido pelo jornal *Gazeta Mercantil* de São Paulo.

É conferencista dos mais solicitados por associações, universidades, congressos e empresas do mundo inteiro.